

Resenha da obra “Homo zappiens: educando na era digital” de Wim Veen e Ben Vrakking*Izabel Patrícia Meister¹

O professor Wim Veen, da Universidade de tecnologia de Delft (área de Educação e Tecnologia), Holanda, Países Baixos, e Bem Vrakking, aluno e pesquisador de pós-graduação em engenharia de sistemas, análises de políticas e gerenciamento na mesma universidade, são autores deste livro que de forma explícita nos coloca frente à tecnologia própria da cultura do nosso tempo, especialmente na sua relação com a educação. Para o primeiro, a tecnologia como propulsora de modificações importantes no comportamento, aprendizagem e forma de produção de conhecimento das gerações que se formam dentro desta cultura. O segundo, ao estudar processos de mudança, estabelece a aprendizagem como meio básico para lidar com ela. As necessidades estabelecidas por cada um dos autores bastam para tornar esta uma leitura interessante, na medida em que educação, tecnologia e processos de mudança são vistos como partes de um mesmo ecossistema, o que dá agilidade e dinamismo a estas questões e propõe reestruturações importantes para a educação. Principalmente se levarmos em conta a chamada geração Y, nascida depois dos anos 80, e que faz da tecnologia não uma extensão do corpo, mas o seu próprio corpo, não somente de forma metafórica, mas de forma real, física, pela aderência de equipamentos tecnológicos que lhe dão mobilidade e desprendimento. A convergência das mídias e conteúdos, com lógicas e linguagens próprias, gera formas de comunicação particulares com as capacidades perceptivas, tecnologias de informação e comunicação não limitadas aos seus suportes.

A urgência na mudança de parâmetros, proposta por este livro, diante do fato de que a sociedade está mudando o modo pelo qual se aprende, é sugerida a partir de uma visão positiva sobre o que uma nova geração de aprendizes pode trazer para a escola e como os professores podem lidar com ela. A estrutura do livro tem como linha básica que o lidar com o conhecimento é uma questão de negociação e criatividade e que aprender é uma atividade para a vida toda, não restrita à escola. Os autores propõem então três questões inter-relacionadas:

1. O que é o *homo zappiens* e como ele se comporta?

¹ Por Profª. Ms. Izabel Patrícia Meister (imeister09@gmail.com)
Centro Universitário Belas Artes, São Paulo

2. As atividades (brincadeiras) do *homo zappiens* relacionam-se à aprendizagem?
3. O que a escola poderia fazer?

Apesar da aparente simplicidade das questões, os autores trazem a complexidade necessária às respostas, dando contornos originais e, sobretudo, instigantes, ao universo tratado. Ao definirem *homo zappiens*, constatam a necessidade deste indivíduo, para quem as tecnologias e a mobilidade compõem as relações fluidas ligadas ao desprendimento de cargas, de ter controle de seu processo de aprendizagem, em relação direta com o seu cotidiano considerando a maneira de lidar com a sobrecarga de informações e a ubiquidade.

Ao concordarmos com a proposição do livro de que a aprendizagem “é alguma mudança mensurável ou perceptível em resposta a determinada situação” (VEEN, p. 89), podemos entender que aprendemos em várias situações, inclusive com as atividades do *homo zappiens*. É a partir da interação com o ambiente que nos cerca que determinamos os valores e habilidades a serem empregados em certa situação. Estes dois eixos se encontram na terceira questão, propondo que a escola, em síntese, trabalhe com a flexibilidade e a diversidade para estabelecer uma relação rica e integrada em torno da aprendizagem.

O livro está dividido em seis capítulos, sendo que os cinco primeiros desenham o cenário para as reflexões e proposições finais, feitas no sexto capítulo, no qual esboçam caminhos para a escola dentro do universo pautado pela cibercultura. Apropriadamente traz também um glossário para aproximar este livro dos menos iniciados nas tecnologias atuais, porém interessados no contexto a que estão expostos e no qual são agentes participantes.

Em *Tempos de mudança*, o primeiro capítulo, temos um personagem (Jack) para espelhar as mudanças pelas quais passamos e principalmente, ao longo de um dia em sua vida, nos trazer um primeiro ponto de reflexão: nós usamos ferramentas para quase tudo o que fazemos, inclusive para a comunicação (que para os autores é aspecto da aprendizagem). Em seguida nos indica que estamos em contínuo processo de mudança, o que sugere o uso criativo da relação entre nossos valores e habilidades para lidar com o cotidiano.

O segundo capítulo, intitulado *Conhecendo o Homo zappiens*, refere-se à geração emergente diante da globalização, conectada e ligada em rede, que processa a sobrecarga de informação através de tecnologias e meios diversos, pautados na escolha, na percepção do mundo como um quadro, em que a distância física não representa problema ou restrição à comunicação, sob o signo da não-linearidade.

Assim, através das estruturas de conceitos, da inter-relação dos conceitos, determina os núcleos essenciais de informação pertencentes a um fluxo de informação e, com base em tais núcleos, passa a construir um todo de conhecimento significativo. Dois aspectos deste cenário são importantes: a tecnologia é um meio, a estrutura para um fim - "as redes são humanas e tecnológicas" (p. 40) -, e a escola é parte da sua vida, mas não é a principal atividade. A zona de conflito se instaura na educação que construiu a escola como principal atividade formativa do indivíduo. Neste capítulo especialmente podemos fazer uma aproximação com o princípio de inteligência coletiva propagado por Pierre Lévy (*As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004) como resultado da apropriação das estruturas comunicacionais e de produção do saber estabelecidas na cibercultura: ele pensa em redes e de maneira mais colaborativa do que as gerações anteriores (p. 46). Um segundo conflito é revelado, ou seja, a escola permanece analógica diante de um público digital, perdendo formas de contato com ele.

O terceiro capítulo, chamado *Entendendo o caos*, reflete sobre as mudanças adotadas pela geração em questão, expondo pontos importantes para este entendimento. São eles:

- Habilidades icônicas – incorporação de símbolos e ícones para a busca da informação – as pessoas pensam por imagens.
- Executar múltiplas tarefas.
- Zapear – determinação dos núcleos essenciais de informação pertencentes a um fluxo de informação na busca de conhecimento significativo.
- Comportamento não-linear – várias informações diferentes de muitos canais diferentes.
- Habilidades colaborativas – para transpor e resolver problemas.

Podemos retomar a aproximação com o conceito de inteligência coletiva de Lévy, segundo o qual o saber de hoje é um saber fluxo que depende da transação de conhecimento para estabelecer a relação dos pontos expostos.

O capítulo seguinte, *Aprendendo de maneira divertida*, parte do princípio de que o homem é um ser investigador que mescla a aprendizagem individual e a coletiva, em uma interdependência necessária para a produção do conhecimento. Porém, também se estabelece a percepção de que deixamos a cultura de massa para seguir rumo à individualidade e os coletivos são reforços estruturais para esta situação. As questões que são levantadas neste capítulo são: houve mudança e como a aprendizagem mudou em função da tecnologia? Para colaborar na busca da resposta o capítulo foi

estruturado a partir de três eixos – conhecimento, habilidades e valores -, sempre relacionados com o ambiente. Propõe, ao final, que o aspecto mais visível e reconhecível desta mudança seja a liberdade em aceitar a incerteza como parte do processo de construção do saber.

Parando a montanha russa, o quinto capítulo, resgata as manifestações tradicionais de educação e como estas se relacionam com as demandas da geração em questão. Esboçando teorias educacionais, partindo das que estão em torno do construtivismo até conceitos como o conectivismo de George Siemens, estabelecem como princípio que o conhecimento reside na negociação do significado entre os indivíduos (p. 94). Portanto, para os autores, mais do que saber *o quê*, temos que saber *como*, *por que* e *onde* para que a preparação do indivíduo inclua a ideia de que a aprendizagem é um ato para toda a vida. Concluem indagando ao leitor: se a educação é uma facilitadora, por que ela age em sentido contrário, tentando parar a montanha russa do progresso?

Finalmente, no sexto e último capítulo, *O que as escolas podem fazer*, os autores ancoram suas conclusões, mostrando as mudanças necessárias nos sistemas educacionais e no nosso pensamento para acolhermos o *Homo zappiens*, a partir das suas concepções. Usando cenários criados para a educação futura e fundamentados em sete princípios para a educação (confiança, relevância, talento, desafio, imersão, paixão/motivação, autodirecionamento), definem a flexibilidade e a diversidade como motrizes destas mudanças: o tempo como propriedade do próprio indivíduo, na busca de um planejamento lógico ou rítmico ao longo do período de estudo, distribuindo tarefas relevantes para provocar a imersão e levando a construção de redes de aprendizagem que considerem todos os participantes do processo de educação, não por idade, mas por méritos, habilidades e competências.

Independentemente de concordarmos com todas as proposições estabelecidas neste livro, reconhecemos nele uma escrita direta, em que a estrutura proposta para a construção do pensamento é clara, atingindo o leitor interessado nas relações e processos educacionais pelas mais diferentes perspectivas, provocando a reflexão incondicional. O fato de que a informação se desloca no espaço físico e em tempo real, através da alteração constante, provocando o aprendizado em comunidade e de forma externalizada, modifica sem dúvida a perspectiva da interação do conhecimento com os atores do ato educativo: professores, instituições e alunos. A complexidade e a interdependência entre vários aspectos desta realidade demandam nova distribuição do espaço e tempo. Ao relacionar a mudança de processos de aprendizagem de uma zona estratificada para um discurso diverso e flexível, baseado na tecnologia, incluindo comunicação, interpretação e negociação e que resulta na produção de conhecimento

em fluxo, torna-se ainda mais interessante e aderente a análise da aprendizagem em ambientes virtuais, cenários potencializadores destas condições, territórios-síntese destes conflitos.

*Obra resenhada

VEEN, Wim & VRAKING, Ben. *Homo zappiens*: educando na era digital. (Tradução Vinicius Figueira). Porto Alegre: Artmed, 2009

